

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME I



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1959

sas, etc., a obra inclui dois de bibliografia portuguesa, como complemento da espanhola. Trata-se do XLIX-Portugal (Bibliografia suplementaria de lo español, especialmente de lo medieval), e do L-Colónias portuguesas (Bibliografia suplementaria de interés para la historia monetaria de España).

A apresentação é cuidada e, com o recurso de cinco índices, torna-se de consulta fácil.

MÁRIO DE CASTRO HIPÓLITO

MARÍA ANGELES MEZQUIRIZ DE CATALAN, *La excavación estratigráfica de Pompaelo. I Campaña de 1956*, Pamplona [Institución «Príncipe de Viana»], 1958, 315 pp., 27 est..

Com esta valiosa publicação de M. Angeles Mezquiriz de Catalan, prova-se, uma vez mais, o grande alcance do método estratigráfico, quando rigorosamente aplicado a uma escavação sistemática. Esse valor reside não apenas nos resultados imediatos que oferece, i. é, a classificação cronológica dos achados, mas sobretudo nas deduções interpretativas que sobre ela se podem alicerçar. Este é o grande mérito do método e também da ciência arqueológica: lançar bases concretas e sólidas para os problemas históricos, sociais, artísticos e topológicos postos por um simples objecto, por um monumento, ou toda uma cidade antiga como sucede com as escavações de *Pompaelo*.

Dispondo apenas de uma área de duzentos metros quadrados que não excedia os quatro metros em profundidade, era necessário levar ao máximo o rigor do método estratigráfico para garantir os resultados que a A. sistematiza em dois grupos:

- a) Elementos para a solução do problema histórico-topográfico da velha *urbs*;
- b) Dados cronológicos e tipológicos relativos a diversos materiais, destacando-se pelo seu significado a cerâmica, os vidros e os bronzes.

Estes resultados, a apresentação dos materiais e a sua expressão gráfica, são oferecidos de modo correcto e sugestivo; e um espírito de síntese e de reconstituição, quase sempre cautelosa e bem fundamentada, completa um esplêndido estudo descritivo. Há, porém, algumas conclusões e certas reconstituições de formas cerâmicas que nos parecem demasiadamente apressadas, bem como um ou outro pormenor de método, menos acertado.

Partindo da hipótese de que o troço de via pública achado no Arcedianato da Catedral corresponde ao *kardo maximus* de *Pompaelo*, Mezquiriz procura localizar o *decumanus maximus*, situando-o na actual rua da Curia e julga descobrir o ponto de intercepção de ambas as vias na praça da Catedral. Aqui, supõe a A. que se pode, com toda a probabilidade, localizar o foro, visto o sítio corresponder à parte mais protegida e ao centro do montículo onde se eleva a Catedral.

A hipótese parece-nos menos provável se recordarmos que, nas páginas 28 e 218, a A. afirma ser incontroverso que nesta zona se não achava situada a pri-

mitiva cidade republicana, e o que se encontrou é o produto de uma «ampliação ou acrescento» da fundação de Pompeu, datável nos meados do séc. i d.C. Ter-se-á dado nesta altura uma deslocação do centro urbano? Não é impossível supor tal fenómeno, mas nada o justifica por enquanto. De resto, poucas garantias oferece a hipótese de que se trate efectivamente do *kardo* e do *decumanus maximus*, facto necessário à primeira suposição.

Na p. 250 Mezquiriz atribui a forma 16 (fig. 112, n.º 1) aos finais do séc. m, baseando-se no aparecimento de um fragmento íntegro da dita forma num estrato dessa época. Logo em seguida, porém, refere que outro fragmento da mesma forma apareceu num estrato de meados do séc. II. A incoerência é evidente e não descobrimos a razão que a motivou.

A fig. 111 (número 4) oferece-nos o perfil completo da forma 52. Pela notícia dada na p. 251 sabemos que foi reconstituído a partir de um único fragmento que nada mostra da base nem permite «tirar deduções de carácter geral». As semelhanças que este resto de vaso apresenta com perfis de vasos de «paredes finas» e «envernizados» (figs. 128-133) não nos parecem suficientes para uma reconstituição definitiva.

A elaboração de uma tábua de formas exclusivamente hispânicas, acompanhadas da numeração que lhes foi atribuída pela A. teria sido altamente proveitosa. Mezquiriz não atendeu à extensão da obra e esqueceu-se de que, para um leitor que não tenha presente o seu estudo sobre a *sigillata* hispânica de Liédena, o que se diz, por exemplo, na p. 80 (31-33), e na p. 84 (33-34), só será inteligível depois de ter lido respectivamente, as pp. 246 e 247.

Também não se compreende a inexistência de um apêndice da bibliografia dispersamente citada através das trezentas páginas de texto.

Entre as contribuições positivas e indiscutíveis que esta publicação traz ao conhecimento da *sigillata* hispânica, chamamos a atenção para:

1 — A possibilidade que alicerça de datar a evolução completa desta cerâmica até ao séc. v e de referir definitivamente o começo da sua produção ao ano 60.

2 — A origem dos motivos circulares e a explicação do seu emprego na *sigillata* gálica. Mezquiriz crê que os oleiros gálicos copiaram dos vasos ibéricos, muito abundantes no sul do país, estes elementos decorativos que a exportação rapidamente espalhou pelos outros centros.

3 — A existência de uma fábrica de *terra sigillata* em Pamplona, testemunhada por um fragmento de molde num estrato do séc. m.

Das conclusões de ordem cronológica, merece salientar-se que o fabrico de cerâmica de paredes finas se restringe ao séc. i, e que, graças às escavações da velha *Pompadour* a «cerâmica local» fica relativamente esclarecida quanto a formas, pastas, decoração e verniz, o que permite datar, daqui em diante, qualquer fragmento isolado.

Valioso contributo para o conhecimento da civilização romana na Península, são os dados concretos relativos a objectos de vidro, os perfis e o quadro de formas que a A. cautelosamente oferece (fig. 143).